

Revista de Agricultura

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Carlos T. Mendes

REDACTORES

Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Westin Vasconcellos

Vol. 4

Julho - Agosto de 1929

N. 7 e 8

Literatura de Vulgarização

Já que se eu dissesse a mesma cousa, não seria crido, vou me apadrinhar com uma figura de relevo no mundo didatico moderno vou buscar ali a autoridade do prof. Paul Fauconnet para com êle dizer agora o que venho insinuando há um lustro: antes vulgarizar a sciencia do que alfabetizar, apenas . . .

Em recente estudo publicado no "O Estado de S. Paulo," Paul Fauconnet lembra a necessidade de se criar, ou de se desenvolver o que êle chama, com propriedade — literatura *mixta*, e que eu apelido literatura de divulgação scientifica. Vem a ser uma literatura que está a meio caminho da literatura propriamente como arte, e a meio caminho da scientifica.

Ora, pergunta-se porque o Brasil é um país fraco na cultura geral do seu povo? E responde-se: analfabetismo. Não, não pode ser. Quem produziu homens da envergadura de Rui, dos da prole de Manguinhos, de Navarro de Andrade, e Machado de Assis, para citar alguns ponteiros das varias profissões, não é pobre de cultura, por ser rico de analfabetos. O que nos falta para alcançarmos o grau de cultura, compativel com a nossa civilização, como quer Georges Clemenceau, ao indicar o reactivo que deve julgar uma epoca ou um povo — é essa literatura vulgarizadora da sciencia. Isso sim. Temos muita sciencia acumulada, feita por scientificas estrangeiros, e por scientists patricios em sua maioria. E' verdade.

O Museu Goeldi, do Pará, é um instituto de historia natural tão conhecido no mundo scientifico estrangeiro, como o Ford entre nós. No entanto qual o brasileiro do sul que saberá o que aquilo é . . . ou foi? Temos sciencia acumulada aqui e ali, mas só conhecida e apreciada no estrangeiro. Para o brasileiro ela ainda não existe. Não saiu para a rua, não foi beijada pelo nosso formoso sol. E por que? Porque somos analfabetos? Não. Porque, essa sciencia não foi *vulgarizada*, não se "dirigiu á turba, não se tornou popular, e se quizerem, não se democratizou", para me aproveitar de uma expressão do meu patrono. Essa sciencia está lá encima, intangivel, le-

tra grega para nós, inacessível á turba, á intelligencia em flor do nosso povo, ávido de cultura. Tão ávido que, infeliz ! devora as torpes vulgarizações que por ai andam cheias de tudo, menos de um sabio espirito de brasilidade, e escritas numa lingua que não é a nossa.

Os nossos letrados em sciencia, na sua maioria, ou quase totalidade, se pejam de distribuir a esmola de um conhecimento scientifico ao seu irmão plebeu, apenas alfabetizado, e quando escrevem se esmeram de o fazer em expressões tais que só possam ser entendidos ... por eles mesmos. Si não escrevem em latim, como os naturalistas contemporaneos de Linéu, é porque bem não sabem para que lado está o Lacio.

Ao lado da nossa literatura-arte, já tão robusta e algo original, e da nossa literatura scientifica, criemos, desenvolvamos essa outra especie de literatura, mais necessaria, mais util, mais preciosa na elevação da cultura da nossa gente.

Remato caracterizando essa nova sorte de *literatura dos tempos de hoje*, com o proprio pensamento de Fauconnet. Em primeiro lugar, diz êle deve ela dirigir se cada vez mais á turba, torna se popular, e se quiserem democratica. O homem do povo tem hoje lazeres, condições de vida relativamente boas e, portanto, possibilidades de cultura. *Socializar a cultura* — este trecho é de ouro — *incorporar á civilização intelectual uma turba cada vez maior de homens do povo, parece me ser uma das tarefas que se impõem mais imperiosamente e com maior urgencia ás nossas democracias.* Devemos pôr, ao alcance de todos, os resultados da sciencia, da philosophia e da historia.

Uma segunda condição parece impor-se, opina ainda Fauconnet. E essa é que tais trabalhos de vulgarização tenham um cunho artistico, agradável; que deles fuja a secura e a imperfeição literaria muito encontradiças nas letras de pura sciencia. A tarefa, explica êle, consistirá em tornar os resultados scientificos já obtidos pelos especialistas, assimilá-los, e dar-lhes, para o grande publico, uma feição literaria. Que campo magnifico para os escritores de talento: pôr ao alcance de todos, em forma artistica, todos os conhecimentos, solidamente adquiridos, sobre a natureza, e sobre o homem.

Ele quer dizer que esse genero de livros deve fazer descer a sciencia dos altares dos deuses para o seio do povo. Para isso eles devem ser escritos em linguagem chã, clara, compreensivel — sem barbarismos chocalhantes de uma erudição mal digerida, mal assimilada. E, depois, vasados em forma literaria, tragavel pelo cerebro plebeu.

Que essas sadias e formosas ideias vicem entre nós, para que a nossa cultura seja bem o reflexo da nossa civilização, eis os votos, creio, de todos os que refletirem um momento sobre os problemas educativos nacionaes da hora presente.